

# S • E • P • U • L • T • U • R • A



ANDREAS KISSER      IGOR CAVALERA      MAX CAVALERA      PAULO JR.

*Mais reconhecidas no exterior que no Brasil, banda pode ampliar público no país com ótimo disco onde mistura metal e sons tribais*

SILVIO ESSINGER

Com dez anos de carreira, o Sepultura é a banda brasileira de rock que fez mais sucesso no exterior em todos os tempos. Seu disco de 1993, *Chaos A.D.*, vendeu algo entre 1,5 e 2 milhões de cópias em todo o mundo, número bastante considerável para o gênero. Com suas turnês internacionais, que arrastam uma equipe de cerca de 20 pessoas e 20 toneladas de equipamento — eles já passaram até pela Indonésia —, a banda chega a fazer 250 shows por ano. Em 1996, com a turnê do novo disco, *Roots*, que acaba de ser lançado no Brasil e em todo o mundo, exceto nos EUA (onde chega ainda este mês), o Sepultura estará dividindo o palco com o veterano Ozzy Osbourne e, quem diria, o sofisticado Sting, com quem tocará em um evento na Holanda. “Os festivais lá são assim, bem misturados”, conta o baterista Igor Cavalera ao JB, em tom blasé, por telefone, da Califórnia, onde mora.

No entanto, por causa de suas opiniões radicais e da insistência em fazer o mais ortodoxo *thrash-death-metal* (caracterizado por vocais guturais, parede de guitarras e a bateria agindo como um rolo compressor desgovernado), ainda mais cantado em inglês, o Sepultura nunca foi considerado um orgulho nacional. Agora, com o novo e ótimo disco (*leia crítica*), o sexto de uma carreira de dez anos, o panorama deve mudar. O interesse pelo fenômeno representado pela banda pode deixar de ser coisa apenas de fã, pois, em busca de supostas raízes brasileiras, o Sepultura adicionou às suas guitarras distorcidas um berimbau e vários outros instrumentos brasileiros de percussão, capitaneados pelo baiano Carlinhos Brown. Carlinhos se empolgou e também participou com letras e vocais. E, num mergulho mais profundo, gravou com os índios xavantes da aldeia de Pimentel Barbosa, no Mato Grosso. Foram dois dias de cantos, suor e mosquitos que renderam a canção *Itsári* e algumas histórias (*leia ao lado*). “O *heavy metal* vem sobrevivendo porque alguém sempre põe um elemento novo, chacoalhando a cena. Aqui nos EUA, o que a gente vê hoje é muita banda com medo de tentar coisas novas. É justamente isso o que nos diferencia”, afirma Cavalera.

A epopéia brasileira do Sepultura, até agora, tem agradado bastante aos estrangeiros. “O grupo brasileiro dilata com extraordinária eficiência os elementos da tribalidade e da sensibilidade social, apresentados nos cinco álbuns anteriores, aventurando-se numa viagem (nada imaginária) na direção das raízes negras do continente”, escreveu, empolgado, Flavio Brighenti, do tabloide italiano *Musica!*, suplemento do jornal *La Repubblica*, um dos mais respeitados do país. A coluna Stud Brothers, do semanário inglês *Melody Maker*, bíblia do jornalismo musical, foi ainda mais longe. “*Roots* é muito longo, muito bom, um tapa com luva de ferro na cara do Ministry e do Nine Inch Nails. Compre agora”, recomenda.

O repertório de *Roots* foi testado pelo Sepultura mês passado, na Europa, em uma turnê *terrorista*, apelido dado pelo grupo à série de shows em pequenos clubes. “Em menos de um mês fizemos 15, 16 datas, com um público de 700 a 1.500 pessoas, tudo lotado, um caos”, comemora Igor. Junto com seu irmão Max (guitarra), Andreas Kisser (guitarra) e Paulo Jr. (baixo), que também vivem nos EUA (Phoenix), ele ainda não tem idéia de que tipo de repercussão o disco vai ter.

Os músicos se surpreenderam com a vitalidade de Carlinhos Brown, que se ofereceu para participar do disco durante um encontro no show da entrega do MTV Awards Brasil, no ano passado. “Ele é f! A sua linguagem tem tudo a ver com a nossa, é o maior músico que eu já vi”, elogia Igor. A parceria mais fértil entre Brown e o Sepultura foi a canção *Ratamahatta*, um batuque-rap-metal com letra do baiano. “Foi muito estranho, começamos do zero e fizemos tudo na hora”, lembra.

Apesar da mistura de *metal* e sons tribais, Igor garante que não espera conseguir derrubar o muro do gueto musical que separa a banda do resto do país. “No Brasil a gente sempre remou contra a maré. As pessoas em Belo Horizonte (*cidade onde foi formada a banda*) achavam que éramos loucos. Ter esse tipo de reconhecimento não é nosso objetivo”, encerra Igor Cavalera. O Sepultura ainda não tem data para fazer o show do novo disco no Brasil.



Capa do sexto álbum, elogiado também na imprensa internacional

**DIÁRIO NA TRIBO**

Em sua visita à tribo Xavante, de Pimentel Barbosa, durante os dias 3 e 5 de novembro últimos, os rapazes do Sepultura descobriram que tinham mais em comum com os índios do que os cabelos compridos e a pele pintada (no caso, tatuada). Ao ouvirem os indígenas cantando, sentiram algo próximo da iluminação. “A terra tremia, literalmente, e o som das vozes era tão impressionante que reduzia a fichinha qualquer banda de *death metal*”, anotou a banda em seu diário de viagem. Com uma equipe que reunia, além dos quatro músicos, produtores, empresários, fotógrafo e técnicos de som, o Sepultura se viu em apuros desde que deixou São Paulo: depois de chacoalhar por horas nos mais suspeitos bimotores, teve que se virar sem comida ou luz elétrica, todos cobertos de repelente, suando às bicas e ainda com medo de fazer algo errado contra os costumes dos índios. Alcool e drogas, por exemplo, estavam proibidos na aldeia. A trupe do Sepultura foi recebida

por cerca de 200 xavantes, alguns com arcos e flechas. No primeiro dia, passou por um ritual de apresentação que exigiu um pequeno discurso de cada um de seus integrantes. No dia seguinte, os músicos se pintaram com urucum e foram se juntar aos índios em seu “canto rouco, repetitivo e grave”, como ficou registrado no diário. Com Max e Andreas nos violões e Paulo e Igor na percussão, foram realizadas as gravações de *Itsári*. O produtor Ross Robinson, empolgado com a *jam*, pulou, correu, pendurou-se nos galhos de uma árvore e foi apelidado pelos índios de Sapo Urossi. Numa conversa com os xavantes, foram discutidas todas as etapas da produção da canção. Por fim, o Sepultura tocou *Kaiowas* no violão — susto foi quando Max resolveu acrescentar à música seu monstruoso vocal. Missão cumprida, a banda ganhou colares, pulseiras, arcos e flechas e seguiu para um hotel cinco estrelas em Goiânia. (S.E.)

**CRÍTICA DISCO** Roots ★★ ★

*Dendê também é 'heavy'*

MARCELO AMBROSIO

Metal que é metal entorta os tímpanos, empena os ossos e confunde os neurônios. No caso do Sepultura, além de tudo isso, o som paquidêmico e virulento ainda esmaga símbolos políticos e sociais, melhorando uma receita habitual no gênero. Mas *Roots* é diferente: um disco cuja parede sonora, bem trabalhada na parte rítmica, é o diferencial. Inteligente, o Sepultura apoiou seu maior salto em um mix do que é tradição no metal — como a distorção e o *speed* alucinado no bumbo da bateria — com a inovação, representada pelo indefinível Carlinhos Brown.

*Roots bloody roots* abre o disco com uma letra social, evitando assustar fãs de longa data. Mas a percussão baiana não engana: moendo os compassos, já avisa que dendê também é *heavy-metal*. Atitude, em seguida, surpreende ao revelar o casamento heterodoxo do berimbau com a guitarra, sem falar na batida do baiao elétrico. Voltando à balança, vem a virulenta *Cut throat* — “dinheiro não é nosso Deus/as corporações são ignorantes” —, seguida pela percussão fonética de Carlinhos

Brown com o grupo — a letra vale só pelo som da sílaba — em *Ratamahatta*. *Breed apart* repete a marcação percussiva.

As quatro faixas seguintes, *Straighthate*, *Spit*, *Lookaway* e *Dusted* seguem o padrão, mas na última o baterista Igor Cavalera toca um *djembe* africano. *Born stuborn* é literalmente um frevo metalizado e abre espaço para a acústica Jasco, tocada por Andreas Kisser em um violão da melhor escola brasileira, e para *Itsári*, a mais estranha e surpreendente atração do disco, com o Sepultura entoando um canto xavante acompanhado respeitosa e pelo timbau e pelo violão.

*Ambush*, por sua vez, mostra Carlinhos Brown usando um caminhão de instrumentos percussivos na linha “hermetiana”, como o *reco-reco* na pedra e o garrafão d’água, da mesma forma que em *Endangered species*. *Dictatorshit* retorna ao *speed-metal* da mesma forma que em *Procreation (of the wicked)* (do Celtic Frost) e *Symptom of the universe* (do Black Sabbath). Ainda que erre as suas letras em inglês, o Sepultura conseguiu uma proeza: um vatapá metalizado que serve bem a qualquer língua.